

## PRÁTICA PEDAGÓGICA X PRÁXIS EDUCATIVO: PLANEJANDO AÇÕES ENTRE O ENSINO E APRENDIZAGEM

Susana Gomes e Silva Costa  
Francisco Alves Cordeiro Neto  
Maria Valdinete de Pontes Matias  
Wagnês Barbosa de Araújo

*Universidade Estadual da Paraíba*

[Sgsc31@gmail.com](mailto:Sgsc31@gmail.com)

[netoalvescordeiro@hotmail.com](mailto:netoalvescordeiro@hotmail.com)

[valdinetepontesm@gmail.com](mailto:valdinetepontesm@gmail.com)

[barbosadd202@hotmail.com](mailto:barbosadd202@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho relata a experiência que tivemos durante a formação PNAIC 2017/2018 com a professora Cristiana Floriano do 2º, 3º e 5º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Rosil de Carvalho Costa”, situada na zona rural do município de Duas Estradas, PB. A instituição atende crianças de 4 a 10 anos no período matutino com sala multisseriada. Durante o período da formação continuada a professora colocou em prática metodologias orientadas pelo programa com o intuito de tornar o ambiente e aprendizagem escolar significativos no que concerne a prática pedagógica. No processo de formação autores como: Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Angela Dionisio, Celso Vasconcelos e Perrenoud dentre outros que propõem reflexões e ações sobre Alfabetização e Letramento, planejamento e avaliação. Nessa perspectiva, buscou-se implementar uma práxis, ação-reflexão-ação sobre a prática pedagógica, de maneira a torná-la significativa para si e pra nossos alunos. No decorrer das formações foi relatado os objetivos e direitos de aprendizagem dos alunos que estão matriculados no Ciclo de Alfabetização, assim como, o compromisso que se tem com Educação proposto na meta 5 do PME: alfabetizar todas as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, este por sua vez em consonância com o PPP da escola, bem como valorizar as relações na escola: professor-aluno, aluno-aluno, gestão-professor-aluno, família-escola. Com objetivos de desenvolver o pensamento lógico, possibilitar as diferentes formas de linguagens, construir um processo de leitura e escrita significativa que atenda as relações culturais; além de proporcionar entrosamento entre família e a escola contribuindo com continuidade dos princípios éticos da autonomia, do afeto e do bem comum.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento; Planejamento; Ludicidade; Formação.

## 1 INTRODUÇÃO

É do conhecimento de todos que a educação é um direito constitucional garantido a todos os brasileiros:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania sua qualificação para o trabalho. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL. 1988).

No artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96, podemos observar as finalidades da educação: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Para garantir que este ensino se desenvolva de maneira plena a LDB traz em seu artigo 32:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:  
I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

Os direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização devem permear toda a ação pedagógica do Professor Alfabetizador, ou seja, eles devem ser pensados, planejados e executados de maneira a satisfazer o inciso I do artigo 32 da LDB supracitado. Os direitos de aprendizagem do ciclo de alfabetização, referentes à Língua Portuguesa, segundo Brasil (2012), resumem-se em seis direitos gerais, quais sejam:

1. Falar, ouvir, ler e escrever textos, em diversas situações de uso da língua portuguesa, que atendam a diferentes finalidades, que tratem de variados temas e que sejam compostos por formas relacionadas aos propósitos em questão. (...)
2. Falar, ouvir, ler e escrever textos que propiciem a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias: preconceito de raça, de gênero, preconceito a grupos sexuais, a povos indígenas, preconceito linguístico, dentre outros. (...)
3. Apreciar e compreender textos falados e escritos do universo literário, como contos, fábulas, poemas, dentre outros. (...)
4. Apreciar e usar, em diversas situações, os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas, trava línguas, dentre outros. (...)
5. Falar, ouvir, ler e escrever textos relativos à divulgação do saber escolar/ científico, como verbetes de enciclopédia, verbetes de dicionário, resumos, dentre outros, e textos destinados à

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

organização do cotidiano escolar e não escolar, como agendas, cronogramas, calendários, dentre outros. (...)

6. Participar de situações de fala, escuta, leitura e escrita de textos destinados à reflexão e discussão acerca de temas sociais importantes, por meio de reportagens, artigos de opinião, cartas de leitores, dentre outros.

Diante disso, percebe-se que os direitos de aprendizagem pretendem promover uma educação para além da alfabetização, buscando na perspectiva do letramento, que “é o termo que vem sendo utilizado para indicar a inserção dos indivíduos nos diversos espaços sociais” (BRASIL, 2012, p. 26), a interação e a inferência do aluno com sociedade.

Dessa maneira, a atividade cria condições para efetivar a aprendizagem respeitosamente contextualizando o dia a dia do aluno na sala de aula, e assim, atendendo aos diferentes aspectos do desenvolvimento humano, seja físico, mental, social ou cultural; o pensar sobre a prática considera-se algo que facilita o processo educacional. É na escola que se estabelece uma relação entre professor e aluno num ambiente que deve ser efetivamente prazeroso, visto que é na sala de aula que os sujeitos envolvidos vão tecendo seus conhecimentos e constituindo-se como pessoa. O espaço da sala de aula, portanto, transforma-se em espaços particulares de desenvolvimento do sujeito.

### **1.1 A escola e a constituição subjetiva do sujeito**

A comunicação é o canal pela qual se processa as diversas formas de relações humanas. É a admirável capacidade humana, essa de aprender com os outros da mesma espécie, que nos torna seres sociais. Nossa rica expressividade ao nascer favorece nossa comunicação com os outros, mediando nossa relação com o mundo.

No discurso sócio-interacionista, o redimensionamento do papel do professor refere-se a uma mudança no paradigma tradicional de ensino, segundo o qual o papel do professor não é apenas um instrutor de seus alunos, mas sim mediador do conhecimento em construção, propiciando ambientes e situações de aprendizagem, bem como instigando o aluno a questionar e formular relações.

Conforme já foi dito anteriormente, na perspectiva sócio-interacionista defendida por Vygotsky, o desenvolvimento é o resultado da relação entre indivíduo e o meio. É nesse processo que se desenvolvem os instrumentos psicológicos que permitem constituir o que se conhece por ‘natureza humana’. (GONZÁLEZ, 2005).

A ideia de desenvolvimento humano indica a compreensão do uso de novas funções psicológicas, que são desenvolvidas a partir das necessidades que o indivíduo requer a cada momento em seu contexto histórico. Na escola, os novos saberes implicam novos sujeitos do conhecimento. Dessa forma, cabe à escolarização o papel de construir ou colaborar para que a aprendizagem que os sujeitos do processo desencadeiam, permita-lhes o domínio dos instrumentos culturais. Faz-se necessário ressaltar que não se tem na sala de aula somente um sujeito cognitivo, mas também um sujeito afetivo. Não se pode, portanto, separar essas dimensões, nem muito menos descartar sua pluralidade no cotidiano escolar. Nessa perspectiva,

A intensa trama interativa das relações sociais na escola e na sociedade participa da constituição subjetiva que não é formada apenas pelo elemento intelectual, sendo que este se integra com tantos outros que aparecem [...]” (GONZÁLEZ,2005; P. 216)

A sala de aula para Tacca (2000) passa a ser um espaço intersubjetivo, é lá que se conciliam vivências subjetivas, hábitos e atitudes que aos poucos vão se constituindo, formando o sujeito. Na concepção de Gonzalez Rey, (1997 p. 83) a subjetividade “está organizada por processos e configurações que, continuamente, se interpenetram, então em constante desenvolvimento e muito vinculados à inserção simultânea do sujeito em um outro sistema igualmente complexo que é a sociedade”.

A multiplicidade de relações que o indivíduo estabelece no cotidiano configura ou delinea o seu modo de ser. É nas diversas relações estabelecidas com amigos, familiares, professores e cotidiano que são gerados no indivíduo a condição humana resultante de sua vivência e interação com o meio. (VYGOTSKY, 1984).

O indivíduo é participante ativo das diferentes relações que mantém com o meio e, na relação professor-aluno não poderia ser diferente. O respeito à subjetividade do aluno não deve ser desprezado, visto que, as múltiplas convivências e atividades do sujeito no mundo social são partes integrantes da construção de sua personalidade.

Pode-se dizer, portanto, que o cotidiano do indivíduo “não é um sistema linear e contínuo, mas dinâmico e impregnado de valor emocional”, ou seja, fatores externos e internos são relativos ao desenvolvimento humano. Há uma relação dialética que não podem ser vista separadamente, ambos caminham juntos, construindo o sujeito, e constituindo-o na história de suas relações. Na subjetividade, o individual e o social estão interligados de maneira a não se dissociarem do ser. (TACCA,2000; apud. GONZALEZ REY, 2005).

Para Vygotsky e seus seguidores, o processo de aprendizagem só pode ser analisado, interpretado e compreendido a partir da integração do individual com o social, os significados

que socialmente são constituídos, constituem a história do sujeito e contribuem para contextualização do conhecimento sistemático que a escola propicia sem ausentar o conhecimento de mundo e social adquirido fora dela. Os processos de aprendizagem se confundem e emergem processos interativos, fazendo com que cognição e afeto se unam para o aparecimento de uma constituição subjetiva que alcança diferentes processos de desenvolvimento e resultados escolares. Segundo Tacca, 2000; “o sujeito afetivo-cognitivo encontra-se entrelaçado nos processos de aprendizagem”.

## **1.2 Cognição e Afeto: dimensões inseparáveis**

Cognição e afeto não são dimensões estáticas, assim como o processo de aprendizagem, são dinâmicos e essenciais para o desenvolvimento psicológico do ser humano. Lev Vygotsky afirma que:

[...], a unidade do intelecto e do afeto tem regularidades internas que a caracterizam precisamente como uma unidade. Somente enquanto conservamos essa unidade como tal, conservaremos as propriedades inerentes a essa unidade. Tão logo a dividamos em elementos, neste momento; perderemos as propriedades inerentes ao todo e não teremos nenhuma possibilidade de uni-las. Tornar o afeto sempre como causa que condiciona uma ou outra propriedade do intelecto é tão infundado como tomar o oxigênio como causa de uma ou outra propriedade detectada no hidrogênio, se se trata da explicação de alguma propriedade inerente à água". (VYGOTSKY,1983, p. 219; apud. REY,2005).

A relação entre cognição e afeto integra o sistema subjetivo intelectual e emocional dos sujeitos, que estão envolvidos por um contexto social. Estudar os processos de significação e de constituição do sujeito e seu meio inclui conhecer quais as dinâmicas que, na relação professor e aluno, movimentam o processo de aprendizagem, identificando como se dá a unidade cognição e afeto. Isso porque, segundo Tacca (2000); cognição e afeto constituem uma unidade funcional que se desenvolve simultânea e integralmente ao longo de todo processo do desenvolvimento. É na qualidade da relação estabelecida com os outros que se observa a compreensão da experiência do sujeito, a tal ponto que sua própria sobrevivência dependerá da relação vincular. As relações afetivas passam a ser a variável mais importante na adaptação do sujeito ao seu mundo. Tal construção de significado é uma exploração ativa que o sujeito realiza em contato com os outros. É através da interação social que o indivíduo constrói vínculos, dá sentido ao conhecimento obtido no decorrer de seu desenvolvimento, concebendo-

se as mais variadas aprendizagens. É uma coordenação de atividades sensoriais, intelectuais e emocionais que dão um nível particular às relações estabelecidas.

O desenvolvimento em seus diferentes aspectos sempre estará alicerçado em processo de aprendizagem, segundo Vygotsky (1991). Tais aprendizagens necessitam ser significativas para o aluno, para que alcance novas possibilidades de ‘ação e pensamento’.

Nas relações do indivíduo com sua cultura, o processo de constituição da ‘cultura pessoal’ (Tacca, 2000) acontece pela construção semiótica do conhecimento. Não se pode nunca garantir para que direção se encaminhe os processos de significação de aprendizagem e qual seu impacto na constituição subjetiva dos alunos. O importante é procurar entender os significados e os sentidos que permeiam os processos de significação da aprendizagem. O papel de elaborar e de compartilhar significados que, em si mesmos, não estão nem dentro nem fora dos indivíduos, mas que oscilam dialética e continuamente entre o social e o individual.

Segundo Smolka (1994, p. 81), as práticas escolares, que convidam à elaboração de conhecimento e que usam a dinâmica discursiva, implicam a emergência de múltiplos sentidos: “Processos de significação constituem atividade mental, implicando nesta constituição múltiplos significados, múltiplos relacionamentos, múltiplas direções, múltiplos afetos, múltiplos sentidos, [...] os quais são dialógica e historicamente produzidos”

No espaço de sala de aula, o modo como o aluno participa das atividades e constrói significados a partir dos conteúdos culturalmente construídos, bem como a verificação dos sentidos pessoais que emergem na situação de ensino, parecem ficar à margem das preocupações e, portanto, do próprio ensino.

## **2 METODOLOGIA**

O presente relatório enfatiza um recorte da prática pedagógica docente referente ao ciclo de alfabetização que é composto por uma turma multisseriada com 10 crianças, sendo: cinco do 3º ano, um do 2º ano, e os demais do 5º ano inseridos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rosil de Carvalho Costa, situada no Município de Duas Estradas- PB, onde consta informação pertinente sobre apresenta de forma pertinente a sequência didática aplicada. No mês de abril de 2018 a professora preparou um plano de aula na proposta da sequência didática com o gênero textual: Receita, tendo como recurso de apoio o livro: “*Que delícia de bolo*” de Elza Calixto e Silvia Calixto. Com este, organizou atividades reflexivas, de fixação, lúdicas e práticas; além de trabalhar com a interdisciplinaridade entre as disciplinas de: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências e Artes

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

distribuídas em cinco dias. Os conteúdos propostos abordaram a leitura oral e escrita, identificação das características do gênero textual, formas e variação linguística e cultural, numa perspectiva de compreensão e de comunicação. Na matemática, além do raciocínio lógico as atividades foram desenvolvidas contemplando os eixos de aprendizagens direcionados a assimilar os conceitos de dobro e metade, como os alunos tratam as informações nas construções e leituras dos problemas que envolvendo o estudo dirigido. Ainda, no processo, buscou compreender a origem das palavras e sua história. Nas ciências contemplou os órgãos do sentido, em Artes a imagem, a ideia, a produção e as formas.



COSTA. S. G. e SILVA (2017)

Segundo o relato da professora, a mesma preferiu utilizar uma metodologia diferenciada, enriquecida com a proposta pedagógica do programa proporcionando aprendizado, curiosidade, participação e um saber significativo: O ler, escrever, desenhar e produzir ganha forma através da vivência.



COSTA. S. G. e SILVA (2017)

No que diz respeito aos níveis de leitura e escrita os alunos do ciclo estão classificados da seguinte forma: 4 leem textos com fluência, 1 lê silabando com fluência. Quanto à escrita: 5 possuem nível de escrita alfabética e 1 com nível de escrita silábica alfabética.

A escola atende no período matutino das 7h às 11h, com crianças de 4 a 10 anos, a professora é licenciada em Geografia com especialização em Psicopedagogia. A escola possui professor/gestor e mantém encontros pedagógicos quinzenais com a Coordenação escolar do Ensino Fundamental I. O ambiente escolar é agradável, com pátio coberto, salas arejadas, material didático: livro e jogos de apoio pedagógico conquistado através do PDDE-Escola e em convênio com Ministério da Educação.

Conforme o acompanhamento da Coordenação Pedagógica Municipal, a instituição escolar de educação tem como meta trabalhar o ensino fundamental, respectivamente, o ciclo de alfabetização dentro das normas estabelecidas pelo MEC e SEDUC, promovendo aos alunos educação com respeito, zelo e dignidade, tendo como objetivo geral desenvolver a alfabetização e o letramento, considerando os conhecimentos e valores culturais que os alunos possuem em si, tendo em vista a relação ensino e aprendizagem permeando a subjetividade do sujeito; de modo a contribuir compreensivamente, portanto, respeitando para a construção da autonomia.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A criança vem se moldando como sujeito histórico de direitos e deveres. Ela vê o mundo de um jeito próprio e com isso interage desenvolvendo uma personalidade ativa, crítica e reflexiva. Sob esta ótica o ensino e aprendizagem deve fazer vínculo entre reflexão metodológica e a ação de intervenção abrangendo a melhoria da aquisição referente à alfabetização e letramento. Provou-se na vivência citada que uma aula planejada e geradora de estratégias promove um saber apropriado para produção, não para reprodução. O compreender: Por quê? Para que? De o ensino transformar e construir o aluno leitor e escritor.

Quando refletimos sobre a prática, o efeito será promoção do saber. O desenvolvimento deve ser passado com um progresso dinâmico e de acordo com a experiência cultural do aluno.

Neste sentido, faz-se necessária a sensibilização dos professores para despertar a conscientização quanto às possibilidades de favorecer conceitos efetivando a aprendizagem: A chamada aprendizagem significativa, a qual promova o crescimento das potencialidades dos alunos.



A respeito da experiência aqui compartilhada, temos a sublinhar a argumentação de Vygotsky (1984): “[...] a aula é uma celebração, um banquete, uma confraternização amorosa, uma comunhão da inteligência; quando o educador é consciente da interação social que gerou a cultura humana”. Na escola, ensinar e aprender são frutos de um trabalho coletivo e contínuo, em que docentes e discentes celebram o conhecimento a cada dia, no decorrer das aulas, quando ensinam, aprendem e compartilham saberes. A escolha do gênero pauta-se na ideia de que é pela apropriação dos gêneros que o mecanismo fundamental da socialização acontece de inserção prática nas atividades comunicativas humana.

#### **4 CONCLUSÕES**

Por meio desse relato de experiência, acreditamos que a atividade docente se caracteriza como uma aprendizagem plural, constituída de saberes oriundos de vários contextos, das experiências pessoais e profissionais entre teoria e prática proporcionadas pelos cursos de extensão e pela Formação Continuada em Serviço, o que pode contribuir para o constante aperfeiçoamento do profissional da educação. Esse é, sem dúvida, um desafio que não se esgota com a realização dessas atividades, porém, aponta caminhos para iniciar a reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida, dando um novo significado e dinamizando a sala de aula.

Passamos mais de um terço de vida dedicados à escola, atravessamos diversas mudanças físicas, psicológicas e cognitivas. Desse modo, descobrimos novas possibilidades de adaptar-se as mais variadas situações. Mantemos com a sociedade, da qual participamos um relacionamento interativo, quando tanto criamos conflitos (internos e externos) quando buscamos soluções para os desafios sociais e individuais.

#### **5 REFERÊNCIAS**

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais & Ensino**. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. – Porto Alegre: Artmed, 1999..

PIAGET, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**/ Yves de La Taille, Marta de Kohl de Oliveira. Heloysa Dantas. – São Paulo: Summus, 1992.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. 4 ed. Ática, 2003.

VASCONCELLOS, Celson dos Santos. 1956 – **Planejamento: projeto de Ensino Aprendizagem – elementos metodológicos para elaboração e realização**, 18. Ed. – São Paulo: Libertad Editora, 2008.